

## OS “VAZIOS” URBANOS E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DE VIDA DA POPULAÇÃO DE UBERLÂNDIA/MG

Laura Lanna Andrade (\*)  
Marlene T. de Muno Colesanti (\*\*)

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva compreender como a presença de “vazios” urbanos influencia e deteriora a qualidade de vida da população de Uberlândia. Para tanto, é necessário conhecer o processo de especulação imobiliária que subsiste na cidade desde seu desenvolvimento econômico, na década de 50.

**PALAVRAS-CHAVE:** “vazios” urbanos, especulação imobiliária, qualidade de vida.

**ABSTRACT:** The present work objectifies the understanding of how the presence of urban “emptiness” influences and deteriorates the quality of life of Uberlândia population. It is necessary to know the process of real state speculation that subsists in the city from its economic development since the 50's decade.

**KEY-WORDS:** urban “emptiness”, real state speculation, life quality.

### INTRODUÇÃO

As cidades, ao longo do tempo, passam por mudanças substanciais. O próprio espaço urbano demonstra, através de sua configuração, um pouco de sua história.

*“Os espaços públicos são valores culturais que influem, consciente ou inconscientemente, na interação da população com o seu entorno, nas suas ações e reações e mesmo na melhoria da sua qualidade de vida” (MELLO, 1995).*

O homem não deve ser considerado isoladamente, pois ele está em permanente interação com o espaço em que vive. Assim, o processo de (re)organização espacial das cidades influi decisivamente na qualidade de vida da população.

Infelizmente, este processo vem moldando as cidades de forma descontínua e irregular. Devido à prática da especulação imobiliária, as cidades se tornam enormes e heterogêneas, trazendo malefícios à população residente.

Em Uberlândia não é diferente. O processo de ocupação do solo urbano ocorreu de forma acelerada e desordenada, principalmente a partir dos anos 70. Nesta época ocorreu o crescimento populacional e econômico da cidade. A ausência e o não cumprimento de leis que regularizassem o uso do solo e a atuação e interesse dos agentes gestores do espaço contribuíram para que o processo de ocupação do espaço se desse de maneira irregular.

A cidade expandiu seus limites, principalmente com a periferização dos loteamentos populares, deixando em seu interior grande quantidade de espaços “vazios”.

Os “vazios” urbanos são fonte de valorização. De acordo com dados da Prefeitura Municipal de Uberlândia do ano de 1998, hoje eles representam 44,6% do perímetro urbano de Uberlândia. Muitas vezes, estes espaços tornam-se depósitos de lixo, causando problemas de ordem estética e ambiental, criando condições propícias à proliferação de animais peçonhentos, como roedores e insetos, representando um perigo em potencial para a população.

### MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada constitui-se, primeiramente, no levantamento bibliográfico acerca da temática na Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia e no Laboratório de Planejamento Urbano e Regional do Instituto de Geografia, além da realização de seminários periódicos com a orientadora.

---

(\*) Universidade Federal de Uberlândia, [lannandrade@rapidanet.com.br](mailto:lannandrade@rapidanet.com.br)

(\*\*) Universidade Federal de Uberlândia - [mmuno@ufu.br](mailto:mmuno@ufu.br)

Em um segundo momento, foi realizada a coleta de dados secundários na Prefeitura Municipal de Uberlândia. Foram feitos também trabalhos de campo em vários pontos da cidade, afim de localizar, identificar e fotografar o objeto de estudo.

Posteriormente, foram aplicados 40 questionários em habitantes de quatro bairros com diferentes níveis sociais. Finalmente, realizamos a tabulação e análise dos dados obtidos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **A relação sociedade e natureza**

O alto nível de urbanização alcançado nos dias de hoje torna o estudo do meio ambiente nas cidades um tema importante, sobretudo pelo seu reflexo no dia-a-dia dos habitantes do planeta.

A influência do meio ambiente na vida do homem é inegável. O indivíduo não pode ser considerado isoladamente, pois existe uma permanente interação entre o ser humano e o espaço ao seu redor.

Segundo CARVALHO (1997), a natureza, para o homem contemporâneo, significa seu mundo construído, ou seja, existe hoje uma segunda natureza, onde tudo é artificial. Até mesmo suas áreas preservadas já não possuem fauna e flora primitivas. O asfalto e o concreto impermeabilizam o solo e criam um micro clima, gerando inundações, ilhas de calor, deslizamentos de terra, etc.

O aspecto mercantil da cidade não pode ser esquecido. A primeira função de muitos aglomerados urbanos é a de posto de trocas, onde a toda hora se oferecem novos artigos de consumo e serviços, transformando a paisagem urbana em uma grande loja, com *out-door*, carros de som, camelôs, *shopping-centers*, a toda hora bombardeando seus moradores. Quanto maior a cidade, maior o apelo consumista, criando-se frustrações daqueles que não podem fazer parte da sociedade de consumo.

O espaço urbano é, ao mesmo tempo, fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que em intensidades variáveis. Segundo CORRÊA (1989) estas relações manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associados às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos cotidianos entre as áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos freqüentes para compras no centro da cidade ou nas lojas do bairro, às visitas aos parentes e amigos, às idas ao cinema, igrejas, parques, etc.

### **A relação entre a especulação imobiliária e os “vazios” urbanos**

Nas cidades brasileiras a (re)produção espacial obedece, primordialmente, aos interesses do capital, dos grupos dominantes, do Poder Público e da empresa imobiliária.

Nesse sentido, o espaço urbano é construído, gerido e utilizado pelos agentes modeladores (promotor imobiliário), reproduzindo as estruturas de poder e de dominação da sociedade, definindo valores e normas a serem seguidas.

Segundo CORRÊA (1989), por promotor imobiliário entende-se um conjunto de agentes que realizam, parcial ou totalmente, as seguintes operações:

- Incorporação, que é a operação – chave da promoção imobiliária. O incorporador é o agente que transforma o capital em mercadoria. Ele compra o terreno, escolhe o tamanho das unidades, sua qualidade, assim como as decisões de quem vai construí-lo, a propaganda e a venda das unidades;
- Financiamento, ou seja, a partir dos recursos financeiros disponíveis, provenientes de pessoas físicas e jurídicas, verifica-se o investimento visando a compra do terreno e a construção do imóvel;
- Estudo técnico, realizado por economistas e arquitetos, visando analisar a viabilidade técnica da obra dentro de parâmetros definidos anteriormente pelo incorporador;
- Construção ou produção física do imóvel, através das firmas especializadas;

- Comercialização ou transformação do capital-mercadoria em capital-dinheiro, acrescido de lucros. Os corretores, os planejadores de vendas e os profissionais de propaganda são os responsáveis por esta operação.

O incorporador, portanto, se apresenta como apenas um elemento num conjunto de relações mais complexas que envolve compradores, empreendimentos imobiliários e Poder Público.

O reconhecimento da figura do incorporador, obtido através do apoio da Prefeitura, facilita sua atuação enquanto um agente promotor de mudanças significativas no uso do solo urbano, pois subordina a atividade de edificação à incorporação.

Esse procedimento é capaz de regular leis de mercado, gerando modificações nos preços dos imóveis, redefinindo a estruturação interna das cidades brasileiras.

Os incorporadores possuem uma estratégia que visa adequar cada empreendimento imobiliário à uma certa área, causando ,assim, a segregação social na cidade.

O especulador está em uma posição privilegiada, pois ele possui o capital necessário ao financiamento da produção e da comercialização de empreendimentos.

Os compradores também são fundamentais neste processo, atuando através de seus valores, gostos, situação financeira, influenciando o surgimento de estratégias de venda/consumo da habitação.

Assim, terrenos de localização privilegiada ficam “vazios”, à espera de valorização, tornando-se local de acumulação de resíduos urbanos. Enquanto isso, as pessoas de menor poder aquisitivo passam a habitar nos bairros periféricos, aonde os terrenos são desvalorizados e desestruturados.

### **A segregação espacial e o meio ambiente construído**

A segregação é um fenômeno típico da atual estrutura econômica mundial. A nível planetário existe uma divisão espacial entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Em cada país esta lógica permanece, com desigualdades regionais, característica do subdesenvolvimento. No Brasil, por exemplo, existe uma enorme distância social e econômica entre as regiões Nordeste e Sudeste.

A questão básica do mundo subdesenvolvido é a distribuição desigual da riqueza, um dos fatores causadores da segregação. A paisagem urbana revela barracos ao lado de mansões luxuosas.

*“Convivem o formal e o informal, o abastado e o miserável, o empregado e o desempregado, o desperdício e a escassez, numa dialética que tem como resultado os conflitos sociais e a violência, utilizada pelo crime ou por autoridades constiuídas” (CARVALHO, 1997)*

As formas de segregação do meio urbano são as mais variadas, tendo como pano de fundo as questões econômicas .

*“A estigmatização social da classe proletária chega do constrangimento velado até a legislação, que inviabiliza certas localizações para a habitação dos mais pobres por exigências de toda ordem.” (CARVALHO, 1997).*

Na maioria das capitais brasileiras encontramos as cidades satélites e os bairros periféricos, que são totalmente isolados, preservando os espaços valorizados e bem localizados.

Estes “subcentros” caracterizam uma solução natural ao gigantismo das cidades e a periferização da malha urbana, resultando na fragmentação da paisagem. Vias, praças, morros e outros fatores reforçam esta divisão, sendo que cada região possui características singulares e, conseqüentemente, diferentes qualidades de vida. Aos menos favorecidos são oferecidas as áreas insalubres, sendo comum os casos de deslizamentos de encostas e inundações.

O Estado participa ativamente deste mecanismo, no papel de agente desagregador, promovendo a desigualdade, aliando-se aos estratos de alta renda.

A especulação imobiliária molda uma malha urbana repleta de vazios, possibilitando um rendimento extra ao especulador, prejudicando toda a sociedade. Segundo RAMIRES E MARTINS (1995) “Trata-se da lógica do lucro prevalecendo sobre o bem comum”.

### O meio ambiente construído e a qualidade de vida

Primeiramente, é preciso entender que os conceitos de qualidade de vida e meio ambiente tem sido muito utilizados na análise de vários indicadores quantitativos e perceptivos, apesar destes serem compreendidos de maneiras diferentes por cada indivíduo.

Segundo OLIVEIRA (1985), psicologicamente, cada pessoa tem sua percepção do meio ambiente e de sua qualidade, percepção esta que é individual, intransferível e irreversível. Biologicamente, a percepção está limitada às condições anatômicas e fisiológicas da espécie humana e se processa dentro dos padrões culturais, geográficos e históricos.

Os indicadores de desenvolvimento vão desde as estatísticas, como as relacionadas à expectativa de vida e à disponibilidade de necessidades básicas, ou à medição do mínimo de bens e serviços necessários a uma vida digna, até os dados de difícil medição, como a qualidade ambiental e cultural.

Os serviços administrativos e comerciais são essenciais na caracterização de um aglomerado de habitações como a zona urbana, mas a qualidade de vida é dada por, entre outras coisas, pela disponibilidade de equipamentos como educação, esgotos e coleta de resíduos sólidos. A tabela 1 mostra os principais fatores do meio ambiente urbano que influenciam na qualidade de vida da população.

TABELA 1– Fatores do meio ambiente urbano que interferem na qualidade de vida da população.

SOCIAIS	Renda	distribuição
	Densidade Populacional	distribuição
	Educação	níveis
	Violência	lesões intencionais acidentes de trânsito
	Saneamento	água esgoto resíduos sólidos
	Equipamentos de Saúde	suficiência
	Emprego	disponibilidade
	Transporte	disponibilidade
	Habitação	tipologia quantidade
BIOLÓGICOS	Saúde	morbidade mortalidade
	Áreas verdes	quantidade
FÍSICOS	Clima	umidade relativa temperatura intempéries
	Relevo	deslizamento de terra
	Poluição	ar, água, sonora

Fonte: CARVALHO, 1997

Adaptação: L.L.Andrade

Esses conflitos, na sociedade capitalista, refletem através da violência, acidentes de trânsito, altos custos de transporte, habitações deficientes, falta de saneamento, enfim, todos os problemas “tipicamente urbanos”.

O lado mais perverso da cidade é o da marginalização, da falta de condições econômicas de sobrevivência, obrigando os mais pobres a residir em regiões periféricas, destituídas de valor locacional e sem infra-estrutura mínima necessária à vida em coletividade.

### A questão da especulação imobiliária em Uberlândia

A cidade de Uberlândia localiza-se no Triângulo Mineiro, região nordeste de Minas Gerais. Possui cerca de 4.040 km<sup>2</sup>, dos quais 219 km<sup>2</sup> construídos em área urbana e 3.821 km<sup>2</sup> em área rural. Está classificada como uma cidade de médio porte, com 482.032 habitantes, segundo dados do IBGE (1999).

Assim, como nas demais cidades brasileiras, em Uberlândia a (re)produção espacial obedece, primordialmente, aos interesses do capital.

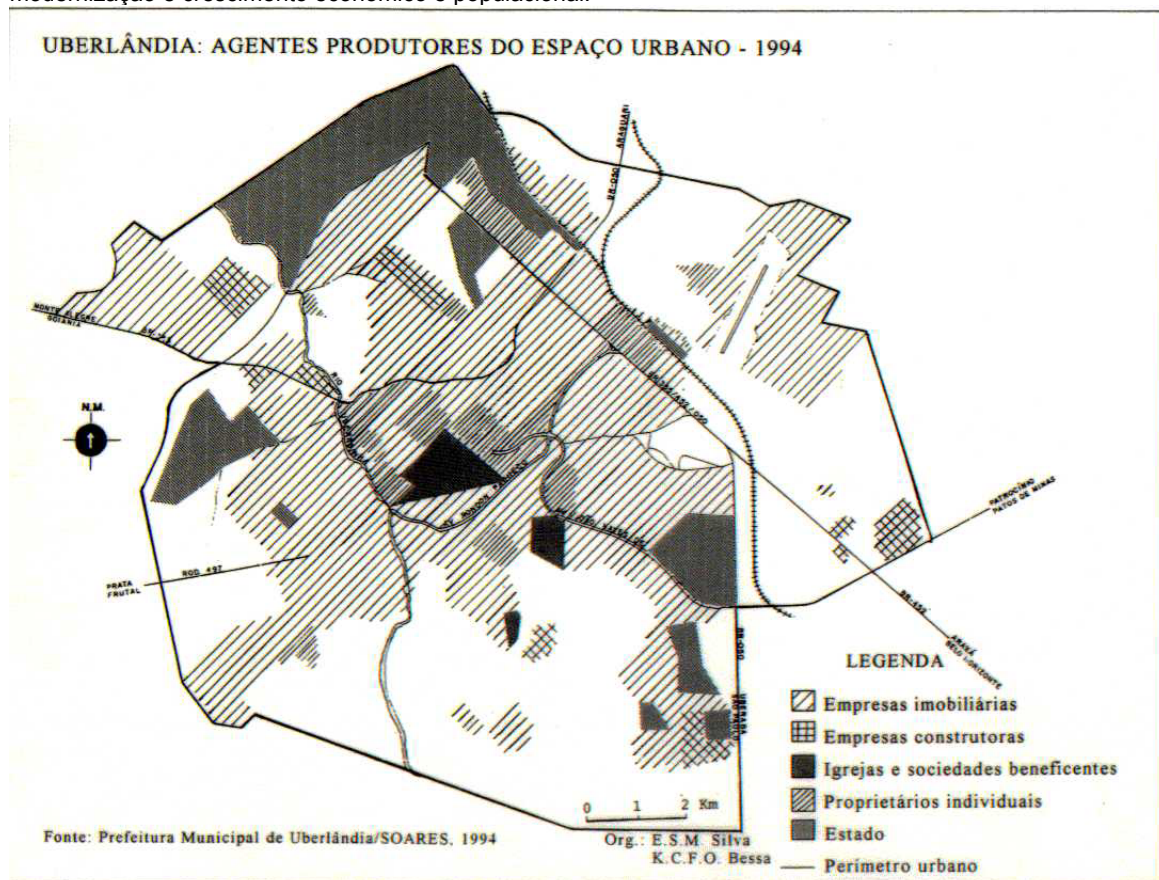
Segundo RAMIRES e MARTINS (1995), existem na cidade cinco agentes modeladores do espaço urbano: empresas imobiliárias, Estado, igreja e sociedades beneficentes, proprietários individuais e empresas construtoras. O Estado apresenta-se como um importante agente modelador, pois é responsável pela criação do Distrito Industrial, conjuntos habitacionais e loteamentos periféricos, principalmente dos anos 60 a 90.

A igreja e sociedades beneficentes possuíam propriedades na área central de Uberlândia, porém estas foram vendidas gradativamente aos proprietários individuais. Atualmente, a igreja encontra-se instalada nos bairros, principalmente periféricos.

Os proprietários individuais, de acordo com RAMIRES e MARTINS (1995), aparecem como grandes responsáveis na estruturação do início da cidade, concentrando sua atuação entre os anos 40, 50 e início dos anos 60, depois foram cedendo lugar às investidas cada vez mais fortes das empresas imobiliárias.

A atuação das empresas construtoras é bastante recente e apresenta-se bastante significativa nas áreas periféricas, com a construção dos conjuntos habitacionais. Suas ações estão quase sempre ligadas às ações do Estado.

A partir da Figura 1, podemos constatar a atuação significativa das empresas imobiliárias, que iniciaram sua atuação a partir dos anos 20, intensificando-se nos anos 70, quando a cidade iniciou um processo de modernização e crescimento econômico e populacional.



Sendo assim, a expansão de Uberlândia ocorreu de forma alterada, obedecendo critérios segregacionais e resultando em uma divisão, onde os espaços são delimitados.

No setor norte encontramos as áreas destinadas à expansão industrial. No setor sul, leste e oeste encontramos os loteamentos residenciais, sendo que no setor sul estão os bairros reservados à população de alta renda.

Os conjuntos habitacionais e as moradias destinadas aos estratos de baixa renda encontram-se à leste e oeste.

O setor central é ocupado pelo comércio, prestação de serviços, grandes edifícios e bairros de ocupação mais antiga.

Durante os anos 80 a Prefeitura Municipal, na administração de Zaire Rezende (1983/1988), instituiu o Imposto Predial e Territorial Urbano Progressivo, a normatização do perímetro urbano para 189 km<sup>2</sup> e uma nova proposta de Lei de Uso e Ocupação do Solo Urbano, aprovada em 1989.

O objetivo desta iniciativa foi conter a especulação imobiliária, estimulando a edificação de terrenos, propiciando, assim, melhores condições de vida à população residente.

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Uberlândia do ano de 1998, dos 219 km<sup>2</sup> do perímetro urbano atual de Uberlândia, 98km<sup>2</sup> estão totalmente “desocupados”. Isto representa 44,6% do total. A maioria destes terrenos situa-se na periferia, porém, uma parte significativa concentra-se nas áreas centrais e intermediárias.

As leis de normatização do uso e ocupação do solo urbano, criadas por Zaire Rezende no final dos anos 80, assim como o Plano Diretor de 1991, ainda não conseguiram controlar o processo especulativo que vem acarretando, desde os anos 30, o alargamento do perímetro urbano, a valorização diferenciada do solo, a deterioração da qualidade de vida dos cidadãos e a oneração dos serviços públicos.

#### **A qualidade de vida e os “vazios” urbanos**

A produção de um espaço urbano fragmentado, com áreas urbanizadas entremeadas de espaços “vazios”, facilitou o processo de estratificação social na cidade de Uberlândia.

Novas maneiras de morar se apresentaram na cidade: a favela, o cortiço, o conjunto habitacional, os bairros nobres, os bairros periféricos, resultando em clara fragmentação urbana.

Fragmentação no sentido de que a elite passa a viver nos locais dotados de melhor infra-estrutura enquanto os pobres passam a morar em áreas carentes de necessidades básicas.

O resultado da prática de retenção dos “vazios” é a queda da qualidade de vida da população. As distâncias percorridas tornam-se enormes, principalmente para os estratos de baixa renda, que utilizam os deficientes transportes coletivos, além de serem levados a habitar em áreas carentes de infra-estrutura.

Quando utilizados como depósito de lixo, os “vazios” urbanos acarretam problemas para a população de baixa, média e alta renda.

Por estes aspectos a qualidade de vida de todos os estratos da população uberlandense deteriora-se, em detrimento do enriquecimento de poucos.

## **A questão do lixo em Uberlândia**

Os serviços de coleta de entulho são realizados pela iniciativa privada e por carroceiros. Na prática são realizados dois serviços distintos:

- Deposição de entulho no aterro sanitário, que localiza-se na periferia, elevando o custo de serviço;
- Deposição do entulho nos terrenos não-edificados, que, por serem mais próximos, torna o serviço mais barato

Por isso, alguns bairros apresentam altíssimo índice de terrenos ocupados por entulho e lixo doméstico. Durante os trabalhos de campo realizados na cidade, encontramos, por duas vezes, caminhões de empresas privadas descarregando entulho em locais impróprios.

O motivo que leva as pessoas a jogarem lixo, produzido em suas casas, no terreno mais próximo são variados e vão desde a comodidade à falta de consciência ambiental.

Para tentar minimizar o problema da longa distância do aterro sanitário e da necessidade de se destinar o lixo coletado por particulares e por carroceiros, foram criadas as Centrais de Entulho. Situadas em bairros, estas centrais recebem o lixo para transportá-lo posteriormente ao aterro sanitário, evitando assim que os mesmos sejam jogados em locais inadequados. São 22 Centrais de Entulho.

Apesar desta iniciativa, ainda encontram-se na cidade vários depósitos ilegais de lixo inerte.

Existem na cidade leis que regulamentam a disposição do lixo, porém, estas não são cumpridas, devido, principalmente, à falta de fiscalização.

## **Análise das entrevistas orientadas**

O objetivo principal da aplicação de questionários para este projeto foi verificar a tomada de consciência da população sobre os males do lixo acumulado nos terrenos “vazios”. Foram aplicados 40 questionários em quatro bairros de diferentes níveis sociais da cidade de Uberlândia: Jardim Karaíba (classe alta), City Uberlândia (classe média), Lagoinha (classe baixa) e Seringueiras (classe baixa).

Quase a totalidade dos entrevistados (90%) afirmaram notar a presença de entulho nos referidos bairros. Por outro lado, 24,5% das pessoas afirmaram não sentir nenhum incômodo por isso.

Entre as pessoas que sentem algum incômodo com o lixo, os males mais citados foram: presença de animais peçonhentos (42%), problemas visuais (35%), e mau-cheiro (23%).

Através dos dados obtidos, podemos concluir que a população dos referidos bairros não possui uma tomada de consciência homogênea acerca do assunto. Enquanto algumas pessoas afirmam estar cientes dos males do lixo, outras nem mesmo notam sua presença. E esta atitude, ou mesmo a falta dela, não está ligada à condição social das pessoas, visto que, mesmo sabendo o dia da coleta de lixo, os moradores dos bairros de classe alta e baixa permanecem colocando-o nas ruas todos os dias.

## **CONCLUSÃO**

Os objetivos do trabalho foram cumpridos, no entanto, é importante esclarecer que uma parte significativa deste trabalho depende de informações provenientes da Prefeitura de Uberlândia.

Infelizmente, os funcionários não se dispuseram a colaborar. Por várias vezes, foi preciso elaborar petições às Secretarias, que raramente foram atendidas.

Por isto, alguns dados de pesquisas anteriores não foram atualizados, assim como novos dados não foram obtidos.

Durante o desenvolvimento do projeto, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco da história de Uberlândia. Sendo assim, tornou-se evidente que a prática da especulação imobiliária e de retenção de “vazios” urbanos não é um fenômeno atual. Ela iniciou-se com o desenvolvimento da cidade e perdura até os dias atuais, como já foi dito anteriormente.

Para reduzir este processo é necessário que exista vontade política. A tentativa feita pela administração de Zaire Rezende nos anos 80 seria eficaz, se tivesse sido levada adiante por seus sucessores.

As leis de regulamentação do solo apresentam-se como uma importante arma para a Prefeitura, por isso, ela deve ser clara e precisa, dificultando assim a ação do agente especulador.

Entretanto, não é do interesse do Poder Público e da elite refrear este processo. Além disto, a população aprova o crescimento da cidade, mesmo acarretando violência, segregação baixa qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, Antônio Pedro Alves de. Meio Ambiente urbano e saúde no município de Salvador. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 1997. 246p. (Tese, Doutorado).
- CORRÊA, Roberto L. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989. 94p.
- FELINTO, Marilene. A não-casa e o não-ônibus dos clandestinos. Folha de São Paulo, São Paulo, 4 de fevereiro de 2.000. Cotidiano, p.2.
- GIANINI, Reinaldo José. Ambiente antrópico: a questão social e a saúde nas populações humanas. In: MARTOS, Henry L., MAIA, Nelson B. Indicadores Ambientais. Sorocaba: Bandeirantes, 1997, 266p. p. 245-262.
- LANDIM, Paulo M. Barbosa. Recursos naturais não-renováveis e desenvolvimento sustentável. In: MARTOS, Henry L., Maia, Nelson B. Indicadores Ambientais. Sorocaba: Bandeirantes, 1997. 266p. p. 9-14.
- LEÃO, Alcides Lopes. Geração de resíduos sólidos urbanos e seu impacto ambiental. In: MARTOS, Henry L., MAIA, Nelson B. Indicadores Ambientais. Sorocaba: Bandeirantes, 1997. 266p. p. 213-222.
- MACHADO, Lucy M. C. P. Qualidade ambiental: indicadores quantitativos e perceptivos. In: MARTOS, Henry L., MAIA, Nilson B. Indicadores Ambientais. Sorocaba: Bandeirantes, 1997. 266p. p 15-22.
- MELLO, Neli Aparecida. Gestão Urbana e qualidade de vida. In: TAUK-TORNISIELO et al. Análise ambiental – estratégias e ações. São Paulo: T. A Quairoz, 1995. 381p. p. 193-197.
- MURTA, Stella M., GOODEY, Brian. Interpretação do patrimônio para o turismo sustentado – Um Guia. Belo Horizonte: SEBRAE, 1995. 99p.
- OLIVEIRA, L. O lixo urbano: um problema de percepção ambiental. Anais do Simpósio Sobre Problemas Ambientais no Brasil, Academia de Ciências do Estado de São Paulo, 1985.
- PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, SECRETARIA MUNICIPAL DE VERDE E DO MEIO AMBIENTE. Questão ambiental urbana - cidade de São Paulo. São Paulo: A secretaria, 1993. 766 p.
- RAMIRES, J. C., MARTINS, I.C. Capital imobiliário e espaço urbano: uma contribuição ao estudo da evolução da cidade de Uberlândia. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 79p. (Relatório Parcial).
- REIGOTA, Marcos. Meio Ambiente e representação social. São Paulo: Cortez, 1995, 87 p.
- SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1998. 157p.
- SILVA, L. A Machado (org.) Solo urbano: tópicos sobre o uso da terra. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 95p.
- SOARES, Beatriz Ribeiro. Uberlândia: da “Cidade Jardim” ao “Portal do Cerrado” – Imagens e Representações no Triângulo Mineiro. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. 290p. (Tese, Doutorado).
- THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 454p.
- UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA et al. Cuidando do Planeta Terra – uma estratégia para o futuro da vida. São Paulo: CL-A, 246p.
- VIEIRA, Paulo Freire et al. Desenvolvimento e meio ambiente no Brasil – A contribuição de Ignacy Sachs. Porto Alegre: Palloti, 1998. 448p.